

**O PODER SOBRE A VIDA: UM ESTUDO ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DA
MULHER E SEUS DILEMAS FRENTE A ESCRAVIDÃO DO SÉCULO XIX NA
OBRA KINDRED DE OCTAVIA BUTLER**

**POWER ABOUT LIFE: A STUDY ABOUT THE REPRESENTATION OF WOMEN
AND THEIR DILEMMAS COMPARED TO SLAVERY OF THE 19th CENTURY IN
THE WORK KINDRED BY OCTAVIA BUTLER**

177

Ana Lilia Carvalho Rocha
Doutora em Estudos Literários pela UFPA
Docente de Letras/Inglês na UFPA
liliateacher@gmail.com

Jennifer Santos de Oliveira
Graduanda em Letras/Inglês pela UFPA
jenniferww50@hotmail.com

Juliana Souza Nascimento
Graduanda em Letras/Inglês pela UFPA
julianasou2000@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo trazer a discussão o livro “Kindred - Laços de Sangue” da autora americana de ficção científica Octavia Butler, analisando-o na perspectiva de como a obra retrata a o poder sobre a vida dos escravos à luz da teoria de necropolítica de Achillie Mbembe e seus desdobramentos quando se trata da mulher escrava, assim como analisar a representação da mulher e os sofrimentos a elas infligidos na narrativa a partir das ideias da filósofa Angela Davis.

Palavras-chave: Necropolítica; racismo; exploração sexual; mulher.

Abstract: The present paper aims to bring to discussion “Kindred- Laços de Sangue”, by the American science fiction author Octavia Butler, analyzing it from the perspective of how the text portrays the power over the lives of slaves in the light of theory of necropolitics by Achillie Mbembe. And its consequences when it comes to the slave woman, as well as to analyze the representation of the woman and the suffering inflicted on them in the narrative based on the ideas of the philosopher Angela Davis.

Keywords: Necropolitics; racism; sexual exploitation; woman.

Introdução

Building the way

O livro *Kindred*-Laços de sangue, publicado pela primeira vez em 1979 nos EUA é uma obra de ficção científica da autora norte americana Octavia Butler, que é conhecida como 'a grande dama da ficção científica'. Neste seu livro de estreia, Butler traz a história de Dana, uma mulher afro-americana que vive em Nova York com o marido Kevin e que de repente, sem nenhuma explicação, se vê transportada no tempo e no espaço para a cidade de Maryland no começo do século XIX, um período ainda marcado pela escravização do povo negro nos estados do sul dos EUA. Dana descobre posteriormente que nessas viagens ela tem como objetivo salvar a vida de um menino branco chamado Rufus, filho de um senhor de escravos, cuja narrativa revela mais tarde tratar-se de um ancestral seu, juntamente com uma menina chamada Alice: nascida negra e livre, mas que acaba sendo escravizada no decorrer da narrativa. A cada vez que Dana volta ao passado ela se vê ainda mais envolvida com essas pessoas, e com as origens da sua família, marcada por diversos tipos de violência características da escravidão.

A obra de Butler dialoga diretamente com a história dos Estados Unidos em relação ao racismo. Durante as viagens da personagem Dana para o século XIX é retratada a origem do racismo que se instala posteriormente nos EUA e também as consequências que esse racismo exerce na vida das pessoas negras no ano de 1979, um período ainda marcado pela segregação racial dos anos anteriores.

Esse tema torna-se ainda mais relevante quando observamos os dias atuais, pois mesmo passados mais de quarenta anos da primeira publicação do livro, as injustiças cometidas contra o povo negro persistem. Em maio de 2020 ocorreu nos Estado Unidos a morte de um homem negro chamado George Floyd, morto por sufocamento causado pela ação desumana de um policial branco, que o imobilizou colocando o joelho em cima de seu pescoço cortando o fluxo de respiração. São situações como essa que nos impulsionam a estudar as origens desse racismo e procurar de alguma forma contribuir com a reflexão que possa resultar em uma redução significativa do racismo e de qualquer outra forma de subjugação entre as relações sociais humanas.

Em um primeiro momento neste artigo procuraremos analisar como o povo negro está sujeito a necropolítica, uma teoria proposta por Achille Mbembe e o modo como isso está presente na obra de ficção. E em um segundo momento analisaremos

Building the way

a obra a partir de uma perspectiva da representação feminina na obra, de acordo com as teorias de Angela Davis.

1 A necropolítica sobre a vida dos personagens escravos da obra *Kindred*

Em seu ensaio intitulado “Necropolítica”, que foi publicado em 2018 no Brasil, o filósofo camaronês Achille Mbembe, cria este conceito baseando-se principalmente nas teorias de Michel Foucault sobre o biopoder. A necropolítica em si, ou política da morte, segundo Mbembe (2018) é quando o poder se apropria da morte como uma gestão, decidindo como os sujeitos devem viver, como devem morrer e quem deve morrer: “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania”; ultrapassando a apropriação da vida. (MBEMBE, 2018, p.5).

Em sua obra Mbembe fala que:

A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários as de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE, 2018, p.19-20)

Nesse quesito, quando olhamos para a obra de Butler entende-se como o ‘outro’ sendo o negro escravizado. Esse outro, de certa forma, é visto como uma ameaça para os detentores da soberania: os brancos, portanto, sendo necessário a sua extermínio. A soberania em Mbembe (2018) é vista como o poder de decidir quem deve morrer e quem deve viver.

Partindo do princípio de como a soberania exerce um controle sobre a morte do outro, quando olhamos o livro de Butler, percebemos que a soberania está bastante presente na relação entre negros e brancos e que os personagens brancos possuem uma falsa compreensão de que os negros são inferiores a eles e, portanto, não faz diferença se eles vivem ou morrem e isto, como explica Mbembe (2018) é a principal característica da soberania.

Nesse sentido, trazemos para dar exemplo ao que acabamos de discorrer, um trecho do livro de Butler, de quando Rufus lê um livro sobre a história da escravidão, ele diz que aquilo é “a maior besteira abolicionista” e em resposta a sua atitude de descrença diante dos fatos Dana diz:

Building the way

- Você está lendo a história, Rufe. Vire algumas páginas e encontrará um homem branco chamado J.D.B DeBow dizendo que a escravidão é boa porque, entre outras coisas, ela dá aos brancos pobres alguém a quem menosprezar. Isso é história. (BUTLER, 2016, p. 226)

180

A soberania teorizada por Mbembe (2018) também está presente na obra de Butler quando a personagem Dana, que se vê inexplicavelmente sendo levada de volta ao passado e tão logo se percebe no contexto de escravidão, acaba aceitando o seu papel de escrava simplesmente pelo fato de ser negra, colocando-se em uma posição de inferioridade perante Rufus, que posteriormente ela descobre ser seu ancestral, juntamente com o pai dele Tom Weyling. Estes dois personagens masculinos e de raça branca formam o retrato fiel da soberania perante o estado escravocrata do século XIX que exerce o seu poder sobre os escravos da forma que lhes convém.

Trata-se da soberania presente nas relações sociais da narrativa. Esses dois personagens estão conscientes de que em diversas situações serão colocados em situações de privilégios em relação aos negros. Foi o que aconteceu em dado momento quando Rufus é beneficiado pela justiça, no momento em que é espancado pelo marido de Alice por tentar estuprá-la e percebendo que Alice e o marido escravo fugiram, diz: “-Ele fugiu, e Alice está com ele, ajudando-o a fugir. Pelo menos é assim que o juiz verá a situação” (p. 200). Quando Dana pergunta o que irá acontecer com Alice, Rufus dá a entender que será escravizada. Aqui podemos perceber a relação de soberania, pois Rufus como um homem branco sabe como a sua raça é beneficiada em relação aos negros, especialmente à Alice, que apesar de ter nascido em liberdade é facilmente levada a escravidão.

Interpretamos então que essa parte da narrativa é um retrato da soberania dos brancos sobre os negros. E essa inferiorização com relação aos negros, ou melhor, essa superioridade tanto dos senhores quanto de qualquer pessoa branca é um exemplo claro de que em praticamente todas as situações eles serão colocados em benefícios. No final não importava se Isaac estivesse defendendo Alice de um estupro, Rufus sabia que o juiz veria as coisas de um modo diferente, de um modo que desvalorizasse os negros. E esse comportamento se repete mesmo quando as autoridades não estão envolvidas, como na fazenda do pai de Rufus. Um exemplo disso é o fato de que o pai de Rufus, Tom Weiylin, não paga nenhum médico para os

Building the way

escravos feridos, ferimentos estes que em sua maioria são causados pelo próprio Tom (p. 236), evidenciando o seu total descaso com a vida do escravo: o deixar morrer ou viver descrito por Mbembe (2018).

Em sua obra *Necropolítica*, Mbembe utiliza como base de sua teoria os estudos sobre o biopoder de Foucault. Sobre isso ele diz:

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico-do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. Que a “raça” (ou, na verdade o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros-ou a dominação a ser exercida sobre eles.” (MBEMBE, 2018, p.17-18)

“Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito de matar”.” (MBEMBE, 2018, p.18). A partir disso podemos entender que o biopoder se constrói na relação de controle que o soberano possui sobre essa parcela da população: os negros, que é vista como um grupo cuja vida não possui o mesmo valor do outro grupo em questão: os brancos. No caso da obra analisada neste trabalho, esse grupo subjugado configura-se pelos escravos. O biopoder acaba por escolher os que devem morrer utilizando como critério a raça.

Uma das formas de permanecer com o domínio sobre o outro, nessa relação de controle, é o fato de os soberanos utilizarem a violência como uma maneira de reafirmar o seu poder. Nesse sentido, vale ressaltar um ponto importante do ensaio de Mbembe, o qual entende que “como instrumento de trabalho o escravo tem um preço. Como propriedade, tem um valor. Seu trabalho responde a uma necessidade e é utilizada.” (p.28). Nesse sentido, o negro foi utilizado como um produto para o crescimento do capitalismo nas colônias. Dessa forma, ou esses corpos produziam riquezas aos seus senhores ou acabavam sofrendo torturas até a morte. Como afirmam Nascimento e Pessanha (2015) no artigo “NECROPOLÍTICA: estratégia de

Building the way

extermínio do corpo negro”, o biopoder tem como controle a sociedade, a partir do momento que se fala sobre o indivíduo, especialmente o escravo, isso se modifica, o poder assume a característica disciplinar, ou seja, o poder disciplinar tem por objetivo controlar o indivíduo, fazer do escravo um ser obediente, útil e disciplinado. Para esses dois autores, tal poder possui três componentes: o medo, o julgamento e a destruição, componentes esses que foram fundamentais para o domínio dos escravos no século XIX.

Em *Kindred-Laços de sangue* é possível ver claramente a imposição do sofrimento ao escravo em ordem de extrair o máximo de produtividade no trabalho. Em um dado momento do livro, Rufus coloca Dana para trabalhar nos campos, um local que até então ela não havia trabalhado e tinha a consciência de que lá o trabalho era muito mais pesado, como afirma na narrativa: “e estou melhor do que os que trabalham no campo” (p.134), por puro capricho de Rufus, de forma cruel e descontrolada. Durante o trabalho no campo, Dana é chicoteada várias vezes pelo capataz, para que ela trabalhe cada vez mais rápido. Ou seja, a violência é um modo de extrair o máximo do escravo.

O curso violento da vida de escravo se manifesta pela disposição de seu capataz em se comportar de forma cruel e descontrolada ou no espetáculo de sofrimento imposto ao corpo do escravo. Violência, aqui, torna-se um componente da etiqueta, como dar chicotadas ou tirar a vida do escravo: um capricho ou um ato de pura destruição visando incutir o terror. (MBEMBE, 2018, pp. 28-29)

Outro exemplo dessa violência que está presente no livro é uma passagem em que Dana diz que os escravos eram obrigados a assistirem açoitamentos de outros escravos, como uma forma de mantê-los avisados sobre o que poderia acontecer caso não agissem de acordo com o comportamento submisso exigido pelos senhores, ou seja a aplicação do componente medo teorizado por Nascimento e Pessanha (2015). Também quando Dana é agredida pela mãe de Rufus e pensa: “Só a lembrança que eu tinha do chicote fez com que eu ficasse parada” (Butler, p. 150), o que demonstra não só a dominação física, mas também a psicológica a que os escravos eram submetidos, uma dominação absoluta sobre a vida do escravo.

Em sua obra *Necropolítica*, Mbembe fala da escravidão como sendo “uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica”. Ele argumenta que:

Building the way

a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade). Enquanto estrutura político-jurídica, a plantation é sem dúvida um espaço em que o escravo pertence ao senhor. Não é uma comunidade porque, por definição, a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento. (MBEMBE, 2018, p. 27)

183

Essa perda tripla da qual Mbembe fala é retratada na obra de Butler. No momento em que os escravos tem a perda de um “lar”, esta perda pode se referir tanto a questão do escravo ser tirado da sua terra natal quanto pelo fato de eles não possuírem nem uma moradia digna. A personagem Dana comenta sobre as condições de vida dos escravos que trabalham no campo dizendo: “As esteiras deles ficam no chão de terra. Os casebres deles não têm piso, e a maioria deles é infestada de pulgas” (p. 134-135); além dessa perda a obra também retrata a perda do “direito de seu corpo” como já comentamos acerca da exigência de trabalho e castigos extremos; e a última perda a de “estatuto político” como já analisado na questão jurídica envolvendo Rufus, em que Alice foi facilmente levada a escravidão, o que demonstra que os escravos não possuem direitos perante a lei. Tudo isso evidencia a presença da “dominação absoluta” no livro de Butler.

Assim, é possível perceber na obra analisada neste trabalho, que além de todas as privações que os escravos estavam sujeitos, há ainda a presente ameaça de morte, a existência da realidade de que a vida deles não era digna de existir. Seu valor na sociedade estava diretamente relacionado a produção de riquezas para os soberanos.

Vale ressaltar ainda que todo esse “terror” direcionado aos negros, é uma forma de concentrar o poder nas mãos de poucos grupos privilegiados que se veem como superiores. E esse poder ao longo dos anos foi sendo modificado, industrializado, tornando-se mais “tecnológico”, e sendo aplicado a outros grupos minoritários que também foram sujeitos a necropolítica, a exemplo disso, segundo Mbembe:

O que se testemunha na Segunda Guerra Mundial é a extensão dos métodos anteriormente reservados aos “selvagens” aos povos “civilizados” da Europa. No fim, pouco importa que as tecnologias que culminaram no nazismo tenham sua origem na plantation ou na colônia, ou, pelo contrário – a tese foucaultiana –, que nazismo e

Building the way

stalinismo não tenham feito mais do que ampliar uma série de mecanismos que já existiram nas formações sociais e políticas da Europa ocidental (subjugação do corpo, regulamentações médicas, darwinismo social, eugenia, teorias médico-legais sobre hereditariedade, degeneração e raça).” (MBEMBE, 2018, p.32)

O que Mbembe (2018) discorre no trecho acima alinha-se as reflexões da escritora americana. É o que fica claro em uma entrevista concedida a Charles H. Rowell, Octavia Butler diz: “Nós realmente não aprendemos com a história, porque da nossa geração para a próxima nós tendemos a reproduzir nossos erros. Existem ciclos na história. (p. 56)” (tradução nossa)¹.

Assim, a escritora Octavia Butler representa em sua obra esses ciclos que ocorrem na história. É possível ver um reflexo disso na narrativa em um momento que Dana retorna para sua casa em 1976 e busca todas as informações que consegue sobre o período da escravidão, na esperança de que isso a ajude de alguma forma a sobreviver aquele período. Ela acaba se deparando com um livro sobre a segunda guerra mundial:

Então, acabei me distraíndo com um dos livros da Segunda Guerra Mundial de Kevin: um livro de memórias de sobreviventes de campos de concentração. Histórias de agressão, inanição, imundice, doença, tortura, todo tipo de humilhação. Como se os alemães tivessem tentado fazer, em apenas alguns anos, o que os americanos praticaram por quase dois séculos. (BUTLER, 2016, pp.188-189)

Portanto, a necropolítica é um fenômeno que tende a se repetir na história, renegando direitos a certos povos e os colocando na condição de seres que devem ser exterminados, por conta de uma falsa crença de que eles representam uma ameaça para a sociedade em geral. E ao fazer essa relação com a segunda guerra mundial, Butler nos mostra que o poder, o terror, o medo, a violência, o julgamento, já estão, há muito tempo, nas relações sociais ao longo da história e vem se repetindo, nós apenas não nos atentamos a ele.

2. O poder sobre a vida da mulher escrava: um toque a mais de terror

¹ No original: “We don’t really learn from history, because from one generation to the next we do tend to reproduce our erros. There are cycles in history”. (ROWELL, 1997, p.56)

Building the way

Levando em conta o que foi abordado no primeiro momento deste trabalho, entendemos ficar evidente que a escravidão é um exemplo claro da prática da necropolítica, proposta por Mbembe (2018), e como essa política da morte é mostrada no livro *Kindred-Laços de Sangue*. Contudo, dentro da obra de Butler é possível aprofundarmos nossa análise acerca do poder sobre a vida, sob o ponto de vista de como a soberania se apresenta com mais requintes de terror quando se trata da representação das personagens femininas no livro. Além das mazelas peculiares à escravidão, as mulheres ainda sofriam outros tipos de torturas e privações exclusivos a elas.

A partir dos estudos da filósofa Angela Davis em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016) analisaremos como as personagens femininas de *Kindred* estão sujeitas a diversos sofrimentos inerentes a escravidão e ainda mais severos pelo fato de serem do sexo feminino.

Dana, a personagem principal, é uma mulher negra que se vê diante de uma realidade escravocrata e quando é transportada no tempo, para o lar de seus ancestrais, suas experiências e dilemas dentro da escravidão são bem diferentes do que de um escravo do sexo masculino.

Em seu livro, Davis comenta que as mulheres escravas não eram vistas como inferiores ou mais frágeis do que os homens em relação ao trabalho braçal. Isso implica que em relação ao trabalho, principalmente o relacionado às plantações, as mulheres não tinham o seu trabalho facilitado por serem mulheres. A autora fala que o sistema escravista tinha o negro como propriedade e já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativa para os proprietários, elas poderiam ser desprovidas de gênero e “aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.” (DAVIS, 2016, p. 24).

No livro *Kindred-Laços de Sangue* Dana comenta que sabia que seu trabalho era bem mais fácil do daquelas pessoas que trabalhavam no campo, e quando ela é obrigada a trabalhar nas plantações fica evidente o quanto essa personagem é forçada ao extremo de sua força física. Também nesse momento, a narrativa deixa transparecer que o trabalho é uma maneira de punir o escravo, pois é como punição por ter “supostamente” deixado o pai de Rufus morrer que Dana é mandada para trabalhar lá.

Building the way

Dana passa a ser forçada a trabalhar o máximo que pode, e sendo castigada mesmo quando se esforça muito, como é possível perceber no trecho a seguir da narrativa:

-Levante-se-disse ele.
Não consegui. Achava que nada poderia me fazer levantar naquele momento; até que vi Fowler erguendo o chicote de novo.
De alguma maneira, eu me levantei. (BUTLER, 2016, p. 338)

186

Nessa cena do livro é possível ver como a exploração da mulher escravizada era extremamente severa. E Dana não tem em nenhum momento seu trabalho facilitado por ser mulher, ou mesmo por ser nova nos trabalhos na plantação. Acerca desse aspecto, Angela Davis assevera que:

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. (DAVIS, 2016, p. 25)

No livro, após ser chicoteada por um dos feitores, Dana faz a seguinte reflexão: “Nem mesmo Tom Weylin chicoteava mulheres daquele modo” (p. 337). A partir desse pensamento da personagem, é perceptível que na crença dela o feitor está agindo com uma violência exacerbada superando até mesmo o pai de Rufus, Tom Weylin. Mais adiante na narrativa, o seu trabalho forçado continua: “Ele fez isso o dia todo. Aparecia de repente, gritando comigo, mandando que eu fosse mais rápido e, por mais rápido que eu fosse, me xingava, me ameaçava.” (BUTLER, 2016, p. 339)

Porém, olhando do ponto de vista da feminilidade, a escravidão possuía várias nuances que afetavam as mulheres de uma maneira mais profunda e violenta. Um dos pontos abordados por Davis (2016) é a visão da mulher como uma reprodutora. A autora comenta que após a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava os senhores de escravos passaram a contar com a reprodução natural como uma das opções para aumentar o número de escravos. Segundo Davis (2016) após essa proibição “as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro.” (p. 25).

Ao analisarmos a narrativa de Butler como um todo vemos essa necessidade de engrandecer o número de escravos por meio da reprodução. Essa

Building the way

187

valorização era reconhecida até mesmo pelos escravos. Em uma das cenas, um escravo diz a Dana após o nascimento do filho: “Graças à Carrie e a mim, ele agora tem um preto a mais” (BUTLER, 2016, p.258). Em uma outra cena da narrativa, o personagem Tom Weylin, o pai de Rufus, pergunta a Dana quantos filhos ela já havia tido, quando Dana responde que não tivera nenhum ele comenta “Então deve ser estéril” (BUTLER, 2016, p.145). Poucos momentos depois Tom diz a Dana que poderia comprá-la do seu atual senhor, que na verdade era seu marido, Kevin, que acabou viajando com ela ao passado quando agarrou o seu branco enquanto ela era transportada no tempo, demonstrando que a facilidade de reprodução de uma escrava era um ponto importante a se considerar antes de compra-la.

Em outro momento da narrativa, quando Dana e seu marido Kevin retornam juntos para o ano de 1976 e assistem a tv, Kevin pede para Dana desligá-la, pois a propaganda de cuidados pré-natais o faz lembrar de quando ele mesmo assistiu a um parto de uma escrava.

-Vi uma mulher morrer no parto uma vez-disse ele. [...] os cuidados médicos não tiveram nada a ver com o caso que vi. O dono da mulher grávida a amarrou pelos punhos e a surrou até o bebê sair dela, até cair no chão.

[...] Fiquei me perguntando se Weylin teria feito algo assim a uma das escravas grávidas dele. Provavelmente não. Ele pensava demais nos negócios para fazer algo assim. Mãe morta, bebê morto, perda. (BUTLER, 2016, p.306)

Pela reflexão de Dana é percebido que quando relacionados aos escravos, prejuízos e ganhos eram um ponto muito importante a ser considerado, principalmente na questão da vida dos escravos. Porém, ainda é percebido nessa cena que o dono de escravos, ao qual Kevin se referia, não estava levando em conta os prejuízos que teria e muito menos se importou com a vida da mulher e do bebê, sendo este mais um exemplo de necropolítica, já que os dois: mãe e bebê, foram considerados descartáveis, e por isso a violência contra eles.

Nas lavouras e fazendas onde as grávidas eram tratadas com mais indulgência, isso raramente se devia a razões humanitárias. Simplesmente, os proprietários valorizavam uma criança escrava nascida com vida do mesmo modo que valorizavam bezerras ou potros recém-nascidos. (DAVIS, 2016, p. 28)

Building the way

Davis (2016) comenta sobre como as mulheres eram vistas: “Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (p. 26) No entanto, apesar da reprodução ser muito valorizada, as escravas não possuíam quaisquer direitos sobre os seus filhos, sendo que estes poderiam ser separados e vendidos conforme o desejo do escravagista, como assevera Davis:

Uma vez que as escravas eram classificadas como ‘reprodutoras’, e não como “mães”, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. (DAVIS, 2016, p.28)

Sarah, uma personagem que trabalha na cozinha da casa, é a representação desse dilema. Ela conta a Dana que o senhor Weylin havia vendido os seus três filhos mais velhos simplesmente para ter mais dinheiro e comprar objetos caros que a esposa desejava. O ato do feitor demonstra como os escravos eram separados sem qualquer preocupação com os laços familiares.

Outra personagem que enfrenta a realidade de perder os filhos tirados a força é Alice, a ancestral de Dana. E quando, em uma das suas viagens a fazenda, Dana percebe que Alice cometeu suicídio, ela descobre posteriormente que aquele ato foi motivado pelo fato de que Rufus havia feito com que ela acreditasse que seus filhos haviam sido vendidos. Ademais, Dana ainda se lembra de uma mulher que havia sido comprada por Weylin e fala da relação exploradora que seu antigo dono tinha com ela: “Ela teve um bebê por ano, praticamente, aquela mulher. Nove até então, sete ainda vivos. Mas ele estava vendendo os filhos dela um por um.” (BUTLER, 2016, p. 307)

Dentro da obra de Davis (2016) um dos pontos mais importantes e que é bastante retratado na obra de Butler é a exploração sexual das escravas pelos senhores e outros homens que faziam parte do sistema escravista, como os feitores, por exemplo.

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-

Building the way

las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p.26)

Aqui fica evidente que além do trabalho forçado, o estupro também fazia parte da realidade das escravas:

189

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão. (DAVIS, 2016, p.191)

Davis (2016) argumenta que o abuso sexual era visto como um direito que o homem branco tinha sobre as escravas, não só o senhor de escravo, mas também outros homens que participavam da escravidão de outras formas. Na narrativa de Butler vemos isso quando Dana vai até Maryland junto com seu marido branco Kevin. Eles não precisam esconder a sua relação íntima, visto que os outros pensam ser uma relação de senhor e sua escrava. Essa relação, na visão das outras pessoas da casa, escravas ou não, é baseada nessa ideia de as escravas serem subservientes aos seus senhores, tendo uma “obrigação” em ceder aos avanços sexuais deles.

Em um artigo sobre as relações interracialis em *Kindred-Laços de Sangue*, Diana Paulin (1997) analisa a relação de Dana e Kevin quando são transportados para aquela época, da seguinte forma:

Ela (Dana) aprende a aceitar o fato de que ela ainda é uma “preta” e Kevin ainda é um branco. Em certo ponto, ela se sente envergonhada por sua aparente disposição de desempenhar seu papel subordinada a Kevin porque é um direito garantido aos homens brancos. (...) Dana sente que as coisas entram muito convenientemente na ordem de mestre/escravo (dominador/dominado) para ela e Kevin. A inerente hierarquia de poder rompe com o seu senso de auto fortalecimento e controle. Dana reconhece que apesar de Kevin possivelmente teve dificuldades durante os cinco anos que ele ficou preso no passado

Building the way

“sua pele o salvou de muitos problemas que (ela) enfrentou. (PAULIN, 1997, p.187.tradução nossa)²

As relações de poder são muito mais impositivas sobre as mulheres negras. Independente do contexto, seja ele ficcional ou real, fica nítido que o corpo negro e feminino é o palco no qual os donos de escravos deitam suas lascívia. Segundo Davis, o estupro em si era uma forma do senhor de escravo reafirmar o seu poder de dominação sobre as mulheres.

Se elas conseguissem perceber a própria força e o forte desejo de resistir, os violentos abusos sexuais – é o que os proprietários devem ter raciocinado – fariam com que elas se lembrassem de sua essencial e inalterável condição de fêmeas. Na visão baseada na ideia de supremacia masculina característica do período, isso significava passividade, aquiescência e fraqueza. (DAVIS, 2016, p. 40)

Na relação de Rufus e Alice, após ela ter sido vendida como escrava, o estupro é uma violência constante, e é através dessa violência que a ancestral de Dana nasce. Sobre a relação desses dois personagens Paulin (1997) assevera que:

O desejo de Rufus por Alice, uma mulher negra, é mais acerca da sua falta de poder e a sua necessidade de reafirmar a sua masculinidade do que amor. A sua aceitação e medo dos estereótipos imposto pelos brancos sobre os homens negros como sendo animais indomáveis é evidente quando é chama o marido de Alice de “preto maldito”, o que também sugere que esse desejo por Alice por ser resultado de um estereótipo sobre as mulheres negras (...) Rufus não consegue aceitar o desejo de Alice de tomar suas próprias decisões por que esse privilégio poderia limitar o poder dele e desafiaria a sua crença de que ela é impotente e precisa do seu apoio e controle. (PAULIN, 1997, p.186, tradução nossa)³

² No original: “She(Dana) learns to accept the fact that she is still a “nigger” and Kevin is still white. At one point, she feels embarrassed by her apparent willingness to play her subservient role with Kevin because it is a right guaranteed to White men{...}Dana feels that things fall into the master/slave (dominator/dominates) order of things much tooconveniently for her and Kevin.The inherent hierarchy of power disrupts her sense of self-empowerment and control. Dana reconizes that although Kevin may have had a difficult time during the five years that he was trapped in the past, “{h}is White skin had saved him from much of the trouble that {she} had faced.” (PAULIN, 1997, p. 187)

³ No original: “Rufus’s desire for Alice, a black woman, is more about his lack of power and his need to assert his manhood than love. His acceptance and fear of the white-imposed stereotype of black men as untamed animals is evident when he calls Alice’s husband a “buck nigger”, which also suggests that his desire for Alice may stem from stereotypes about black women. {...}Rufus cannot accept Alice’s desire to make her own decisions because this privilege would undermine his power and would challenge his belief that she is powerless and in need of his support and control.” (PAULIN, 1997, P. 186)

Durante a narrativa vemos cada vez mais esse desejo extremo de Rufus de possuir Alice. Essa ânsia de dominação é fruto da falsa crença de que sendo Alice uma mulher negra, portanto, inferior, ao qual ele “amava” ela era obrigada a ceder aos desejos de Rufus, e quando Alice se recusa a se deitar com ele Rufus pede para Dana convencê-la dizendo: “converse com ela, coloque juízo na cabeça dela, ou você vai assistir a Jake Edwards batendo nela até ela mudar de ideia” (p.262). Nesta frase fica claro a convicção de Rufus de que, já que Alice agora sua escrava, é seu dever ceder as investidas dele, senão ela será açoitada da mesma forma que um escravo seria por se recusar a trabalhar nos campos por exemplo.

Ao final da narrativa, Rufus insinua que irá estuprar Dana e ela decide matá-lo. Esse ato reflete o que Davis (2016) teoriza em seu livro: de que o estupro está intrínseco à escravidão. Ou seja, na narrativa, Dana, apesar de ter aceitado a condição de escrava enquanto estava naquela época, trabalhando e sendo submissa aos brancos, não aceitou a possibilidade do estupro como forma de escravização. Depois desse acontecimento Rufus teria um total controle sobre ela, mas Dana se recusa a deixar isso acontecer.

Considerações finais

É comum ao pegar um livro e lê-lo e ser inserido em tal ambiente, sentir as mesmas angústias e sofrimentos do personagem. Em *Kindred*-Laços de Sangue não é diferente. Ao sermos levados juntamente com Dana para o século XIX, sentimos as várias situações vivenciadas por ela, como a tortura e dor. *Kindred* não é somente um livro de ficção científica, que cria um futuro distópico e longe da nossa realidade. *Kindred* é a realidade da história de um povo que passou por situações que podem ser apenas imaginadas pelo leitor. O livro é uma ponte para outras reflexões, como as que foram apresentados neste artigo: a abordagem das mulheres negras e as diferentes formas de violências as quais foram submetidas, sejam sexuais ou psicológicas, segundo a teoria de Angela Davis sobre a mulher negra e escrava, assim como, o conceito de necropolítica de Achille Mbembe.

Building the way

Por fim, ao retornar para casa pela última vez, Dana acaba perdendo um braço, pois enquanto fazia a sua viagem entre as duas épocas, Rufus a agarra, deixando o seu braço preso na parede, o que acaba resultando na amputação. Esse acontecimento pode ter como uma representação de que tudo o que o povo negro passou ainda deixam marcas em seus descendentes nos dias de hoje, seja nas diversas formas de racismo sofrido pelo povo negro ou mesmo pela violência exacerbada dirigida as pessoas dessa raça.

A própria autora parece ter sentido o racismo nas suas relações sociais ao longo da sua vida. Como percebido na folha de rosto do livro *Kindred*-Laços de Sangue: “Comecei a escrever sobre poder, porque era algo que eu tinha muito pouco”. Sabemos que o poder está concentrado na mão de poucos privilegiados e vemos como Octavia Butler usou a escrita como uma forma de resistência para ultrapassar os limites colocados a ela como uma mulher negra, uma resistência que deve sempre nos inspirar para lutar contra as injustiças que cercam os grupos minoritários.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. n-1 edições, 2018.

PAULIN, Diana R. *De-Essentializing Interracial Representations: Black and White Border-Crossings in Spike Lee's "Jungle Fever" and Octavia Butler's "Kindred"*. Cultural Critique No. 36, 1997, pg 165-193. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1354503?read-now=1&refregid=excelsior%3A866d2d3d857ed017498ccdf761f33e3&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 12/06/2020.

PESSANHA, Eliseu Amaro; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *NECROPOLÍTICA: Estratégia de extermínio do corpo negro*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporâneas-UESB. v. 3,2015, p. 150-176.

ROWELL, Charles H. *An interview with Octavia E. Butler*. Callaloo, vol. 20, n. 1, 1997. p. 47-66.